

No âmbito do projeto **Herbário – Locus Amoenus**, realizou-se um conjunto de ateliês/ oficinas de criação dirigidas à comunidade escolar em redor do Jardim da Estrela.

Ao longo do ano letivo de 2021-22, foram várias as turmas e escolas envolvidas – Escola Pde. Bartolomeu de Gusmão, Rainha Santa Isabel, Eng. Ressano Garcia e Jardim Escola João de Deus da Estrela – em atividades semanais coordenadas pelos nossos artistas.

Através da participação ativa do público escolar, espontaneamente atento e próximo da natureza e dos elementos, foi feito o levantamento da fauna e da flora presente no Jardim. Depois de recolhido esse material, foi só dar asas à imaginação.

DO VERDE AO AZUL

A relação do mundo das plantas com a cianotipia é antiga. As primeiras impressões foram feitas em 1843 pela botânica Anna Atkins, fotografando e ilustrando várias plantas com esta técnica de revelação de imagens em suporte absorvente em diferentes tonalidades de azul, de onde deriva o nome.

O método é simples, tornou-se popular e tem sobrevivido também como meio para desmontar os mecanismos inerentes ao processo fotográfico. A cianotipia consiste na reação da luz ultravioleta a uma mistura química, obtendo negativos monocromáticos das imagens que se formam.

Há disponíveis no mercado *sets* completos para cianotipia, mas é bastante mais barato e divertido controlar o procedimento desde o início obtendo assim efeitos mais criativos.





I. Realizar as misturas

Devem ser diluídas duas soluções independentes que serão depois guardadas e juntas em partes iguais no momento da emulsão sensível. A primeira consiste em diluir 25 g de citrato de amónio férrico em 100 ml de água destilada; a segunda, em diluir 12 g de ferrocianeto de potássio em 100 ml de água destilada. As duas soluções devem ser colocadas separadamente em garrafas opacas e bem misturadas.

II. Sensibilizar o papel

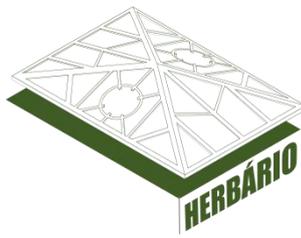
Quando a mistura é feita, em partes iguais, num recipiente, é aplicada sobre o papel e deixada a secar. A emulsão aplicada passa a ser sensível à luz, pelo que se deve ter cuidado em resguardar num local mais escuro, para melhores resultados. Sugere-se papel com alguma resistência à imersão à água (ex: papel para aguarela) e uma trincha para aplicar a emulsão a gosto.

III. Exposição

Sobre o papel já sensibilizado são colocados os objetos previamente recolhidos no jardim (folhas, ramos, flores sementes...) com a composição desejada e tapados com um vidro para que não se movam.

O tempo de exposição está relacionado com o índice de UV do momento, mas sobretudo com o efeito pretendido: mais tempo resulta numa maior descrição, especialmente em elementos mais transparentes, assim como menos tempo dá imagens de silhueta.



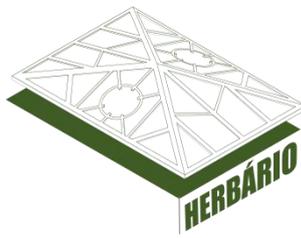


IV. Revelação

É feita em dois ou três banhos com água, em tabuleiros separados, cerca de 5 minutos cada um. Existe um efeito visível da imagem formada logo no primeiro banho. Deixa-se secar. Para alterações da cor da imagem obtida podem ser dados banhos suplementares com misturas de água oxigenada, chás, café. Os resultados dão desde um azul mais forte até variações de castanhos ou mesmo pretos.

O mais importante é divertires-te com o resultado sempre surpreendente e inesperado. De preferência, com amigos, como fizemos no Jardim da Estrela.





Parceiro Institucional:



CULTURA



BIBLIOTECAS
DE LISBOA



Acolhimento:

Produção:

Gestão:



Comunicação: Relações Institucionais:



Co-produção:

